

# POR UMA PRÁTICA PARTIDÁRIA

(circular interna)

1) O que nos confere uma posição, única dentro das esquerdas é o papel que atribuímos à classe operária no processo revolucionário do país. É verdade que todas as facções que fazem as suas profissões de fé marxista-leninista, pagam também o seu tributo teórico ao proletariado. A nossa insistência na divulgação das nossas teses e posições, além disso, tem feito que diversos setores da esquerda, que antes se limitavam a raciocinar em termos de "povo" e "massas" se dediquem ou tentem dedicar-se praticamente a alguma espécie de "trabalho operário". Mas o que essas tentativas em diversos níveis de setores do PCB, Corrente, Dissidências, AP e dissidências da AP tem em comum, é que não pretendem ou não conseguem enquadrar essas atividades numa estratégia e tática revolucionárias, numa linha política proletária. Em grau maior ou menor, ainda estão presos a concepções populistas pequeno-burguesas, que dominaram as esquerdas no passado.

2) Nunca demos ouvidos àqueles (a maioria) que em nome de uma prática qualquer, investiam contra o esclarecimento das posições teóricas, se não contra as próprias posições teóricas, o famoso "não basta ter razão..." lançado em nome de uma prática duvidosa, mal escondia o oportunismo daqueles que escolhiam, um caminho irracional (do ponto de vista marxista) ou acabavam por não ter prática nenhuma. Sabemos que uma premissa mínima para uma atividade revolucionária é "ter razão" e esta só pode ser obtida mediante a aplicação consciente do marxismo-leninismo. Mas sabemos também que isso só representa um lado da medalha. A linha proletária não se limita à elaboração das posições revolucionárias; dela faz parte inseparável a colocação em prática das premissas teóricas. E aí estamos atrasados.

3) Este atraso tornou-se óbvio durante os últimos meses e, principalmente, durante os dias críticos que foram da greve de Minas até o primeiro de maio. Tornou-se óbvio: a) pela atuação inadequada do P., local e nacionalmente, durante a greve de Minas, quando não soubemos levar as nossas palavras de ordem aos setores decisivos que estavam empenhados na luta; nem depois, quando se tratava de tirar o balanço para os grevistas derrotados, a fim de dar continuidade a luta com outros meios; b) nas comemorações do primeiro de maio, que deixaram patentes as nossas limitações em divulgar as posições de combate, e às vezes a própria existência do P., mesmo nos lugares onde há condições para isso.

4) Estes fatos impõem-nos a obrigação de uma revisão crítica das nossas atividade. Temos de fazê-lo sob dois ângulos: a) rever o modo como tiramos as consequências práticas das nossas posições teóricas e, b) o modo como estamos desenvolvendo a atividade partidária no seio do; proletariado. O primeiro ponto diz respeito, principalmente, à preparação dos nossos quadros, individual e coletivamente, para desempenhar o papel de revolucionários junto a classe operária - faz parte da formação de quadros. O segundo refere-se a nossa capacidade de atuação como partido e de fazer sentir essa atuação, pelo menos localmente, para que ela se irradie pelo país.

5) No que diz respeito à preparação dos nossos quadros, não vencemos ainda, em grande parte, as dificuldades sentidas e apontadas no passado e que se ligam a primeira fase de qualquer organização revolucionária que é obrigada a penetrar no proletariado de fora para dentro. Procuramos sistematizar esses problemas em "Alguns aspectos práticos..." Embora hoje já se registrem progressos regionais e tenha se conseguido elevar o nível das atividades, os problemas fundamentais continuam atuais para o P. No passado procuramos vencer essas dificuldades com medidas quase administrativas. Todas as céls. tinham de fazer trabalho operário. Acontece, todavia, que as céls., não estavam, nem foram preparadas para esse gênero de atividade. Além de criar uma ficção que, entre outras, prejudicou as atividades estudantis, esse método de trabalho não teve os resultados esperados. Tivemos de aprender que os quadros tinham de ser preparados e orientados, não só para a atividade operária em geral, mas para cada tarefa e problema concreto dessa

atividade. De outro lado, a experiência recente nos mostrou, como vimos em Minas, que os quadros vindos da classe operária não estavam igualmente preparados para enfrentar situações de luta e tomar as necessárias iniciativas. Há certo espontaneísmo entre nós, que consiste em crer que um operário quando se integra na militância, por ser operário, "resolve os problemas da sua classe". Mas essa atitude não passa de outra "herança" dos nossos tempos de estudante. É evidente que o operário tem de aprender tanto quanto qualquer outro revolucionário novo. E é a aprendizagem comum que apaga as diferenças de origem e cria o militante comunista. Mas esse fenômeno só se dá através da, e na, atividade partidária.

6) Do ponto de vista da atividade partidária, isto é, da nossa capacidade de desempenhar o papel de partido, o problema acima é completado por outro, do número insuficiente de quadros, operários. Os problemas principais que enfrentamos no caminho da atuação partidária parecem-nos, em resumo, serem os seguintes:

- recrutamento e formação de quadros da classe operária;
- desenvolver meios de atuação sobre a classe operária, que ultrapassem as nossas possibilidades reais de contatos diretos;
- dar o exemplo de atividade revolucionária que represente uma alternativa prática aos diversos matizes de política pequeno-burguesas existentes e que nos permita liderar setores, organizações e alianças dentro da esquerda, para influir no seu reagrupamento.

7) Já foi dito e resolvido que o recrutamento de operários não pode seguir os mesmos padrões do estudantil e outros. Mas o que nos preocupou menos até agora, foi a formação política do quadro operário. Esta não pode ser encarada como formação política abstrata e tem de ter em vista as necessidades da luta. A situação de hoje exige uma formação de lideranças operárias dentro da classe. Só haverá uma transformação qualitativa do proletariado brasileiro, se se criarem lideranças no seu seio, em escala de fábrica, de bairro, de indústria, de cidade, Estado, para chegar a lideranças nacionais. Isso significa que tanto o recrutamento quanto a formação de quadros operários tem de ser visto, antes de tudo, do ângulo da necessidade dessas lideranças em todos os níveis. Significa que tem de visar operários que tenham as qualidades de liderança e fornecer-lhes os recursos e os conhecimentos para exercê-la. Mas esse tipo de recrutamento só pode dar resultado quando não é visto como atividade isolada ou independente de atuação política no meio da classe. O recrutamento tem de ser resultado da intervenção do Partido na luta operária. Uma organização que pretenda limitar a sua atividade ao recrutamento individual não passará da fase amadorística, nem obterá os resultados esperados.

8) Este aspecto da questão está intimamente ligado à nossa atividade como partido. A função do partido é liderar a classe ou setores da classe. Para nós isso significa que temos de desencadear - como já dissemos - uma atividade que se irradie além da nossa força numérica. Ou, em outras palavras, a nossa fraqueza numérica não deve ser impedimento para exercer essa atividade partidária. Essa preocupação há muito que vem nos guiando. Determina a nossa tática, as nossas palavras de ordem como "comitê de empresa", "greve geral", etc., que visam a organização da classe com os meios à sua disposição que, visam que ela trave lutas parciais e que se prepare para lutas mais decisivas em todos os lugares mesmo onde nós não a alcancemos diretamente. Mas não podemos limitar-nos a essas medidas gerais. A nossa situação, tanto quanto a do próprio proletariado, exige que se concentre esforços, que se procure usar os recursos concentradamente, de maneira econômica. Isso requer que concentremos as nossas forças em setores do proletariado que são decisivos para o comportamento da classe toda - localmente, regionalmente, nacionalmente. Esses setores, podem ser certas indústrias - metalúrgicas, de transportes, têxteis - mas também podem ser determinados bairros, onde o proletariado tradicionalmente atua em conjunto. À escolha desses pontos chaves dependerá naturalmente das condições locais, mas um critério deve ser aplicado: é sempre preferível escolher um terreno de atuação, onde já tenhamos, pelo menos, contatos "dentro". E, uma vez escolhido o terreno, a) os recursos exigidos e a disposição devem ser concentrados em torno dessa tarefa, b) os quadros devem ser preparados para cada tarefa, tem de saber o que fazer e quais os resultados esperados. Os planos de ação devem ser debatidos com os operários de dentro da fábrica, sempre que possível. É essa atuação combinada de quadros de "dentro" com os de "fora" que dão os resultados melhores, mais rápidos e que oferecem maior

margem de segurança. É possível que essas colocações não sejam inteiramente novas para a grande parte dos nossos militantes. Novo será, todavia, tirar as consequências, reorientar as nossas atividades nesse sentido e dar continuidade a elas. Então criaremos também as premissas para um recrutamento operário em nível mais alto.

9) Essa reorientação das atividades militantes está estreitamente ligada à nossa situação dentro da esquerda. A prática mostrou e continua mostrando que todas as alianças concluídas com outras organizações tornaram-se precárias para nós, quando estendidas à atividade prática no seio da classe operária. Isso acontece pelo simples fato de não termos ainda podido dar uma alternativa prática, clara e definida no terreno da militância revolucionária no meio do proletariado. Não devemos ter ilusões a respeito. Só vamos poder dar essa alternativa, em toda a extensão, na medida em que criarmos raízes no movimento operário, na medida em que aprendermos a influir diretamente no comportamento de pelo menos setores da classe operária - na medida em que nós nos transformarmos em força material no seio do proletariado. Sem querer negar a utilidade e a necessidade de alianças, temos de ter clareza que elas só têm caráter positivo quando não nos desviam do nosso caminho. Devemos ter em mente que em alianças e frentes, a nossa posição será determinada não só pela justeza da nossa linha, mas igualmente pela força que representamos. Tornarmo-nos essa força material no seio da classe - fazer jus ao nome de partido - é a tarefa principal para o futuro próximo. Isso faz parte da concentração de esforços.

CN - jun/68/.